

Theologica Lusitana

FRANCISCO DE TÁVORA, GRAMÁTICO E PEDAGOGO DO SÉC. XVI

O nome de Francisco de Távora não figura nas diferentes versões da «Enciclopédia Judaica»: era um renegado, um convertido à Fé de Cristo.

Não vem registado nos bons «dicionários bibliográficos»: a publicação dos seus apontamentos escolares em letra de forma destinou-se praticamente *ad usum auditorum*.

Passou despercebido aos eruditos da literatura dos judeus portugueses: a viagem do tempo sorveu quase todos os exemplares da sua pequena gramática¹.

De tanta desgraça escaparam uns quatro em 8º de 14,5 × 9,5 e 63 fólhos, entre eles o que fez parte da opulentíssima biblioteca de Alcobaça onde Fr. Fort. de S. Boaventura o encontrou e do qual deu notícia pormenorizada nas Memórias da Academia de Ciências².

Depois do historiador alcobacense, não faltou quem, entre nós, se lhe referisse ou como testemunha dos estudos hebraicos em Portugal³ e nomeadamente em Coimbra⁴ ou ainda como espécime dos prelos portugueses da era de Quinhentos⁵.

¹ *Gramatica Hebraea, novissime edita, authore Francisco a Tavora. Conimbricae, apud Joannem Alvarum. Anno Domini MDLXVI. Impressa.*

² Cfr. «Memoria sobre o começo, progresso e decadência da literatura hebraica entre os Portugueses Catolicos Romanos desde a Fundação deste Reino até ao reinado d'EL-Rei D. José I», em «Mem. da R. Acad. de Sciencias de Lisboa», IX, 29-61.

Fr. Fortunato não teve conhecimento de outros exemplares e pensou que «talvez só exista o de Alcobaça» (cfr. Mem. da R. Acad. de Sciencias... VII, 46). Mas A. J. ANSELMO na *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI* (Lisboa 1926) p. 27, n.º 96, acrescentava mais dois: um na mão do livreiro F. Tomás e outro na biblioteca do Funchal, além do da Biblioteca Nacional da Ajuda, que fora de Alcobaça. Por sua vez, o Dr. A. da Silva CARVALHO publicou na «Revista de Estudos Hebraicos», 1 (1928) 119-135 uma *Notícia sobre a Gramática hebraica de Francisco de Távora*, a qual abre com este parágrafo: «Adquiri em Lamego um exemplar dum livro raro, pois se conhecem em Portugal apenas mais três exemplares, e não há notícia de nenhum no estrangeiro». Não diz, porém, como e de quem o adquiriu...

³ M. B. AMZALAK, *Portuguese Hebrew Grammmars and Grammarians*, Lisboa 1928, pp. 14-15.

⁴ J. de CARVALHO, *Aditamentos e Notas às Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra escritas pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira*, I (Coimbra 1937), p. 873.

⁵ Sousa VITERBO, *O Movimento tipográfico em Portugal no século XVI*, Coimbra 1924, pp. 150-151.

Estas provas de interesse mais recente pouco ou nada ajuntaram ao próprio livro de Francisco de Távora: a *Grammatica Hebraea* é simultaneamente o monumento da sua biografia, a cátedra da sua ciência, a súpula da sua pedagogia.

Francisco de Távora estudou línguas semitas e orientais em Salónica⁶ e em Constantinopla. Transferindo-se a Veneza, talvez em virtude daquela conhecida lei biológica que faz dum judeu um perpétuo andarilho, ensinou a sua sabedoria na cidade dos canais. Entretanto lia e meditava a Sagrada Escritura, o que o levou a conhecer com toda a clareza que «sem a religião cristã ninguém pode conseguir a bem-aventurança eterna». Mas é em Roma que recebe o sacramento do Baptismo, sendo apadrinhado pelo embaixador de Portugal junto da Santa Sé, D. Lourenço Pires de Távora⁷.

Ameaçado pelos antigos correligionários, passou a Espanha, começando a leccionar em Salamanca. O frio da Meseta incomoda-o e obriga-o a procurar as amenas temperaturas da «ocidental praia lusitana» e o ambiente cultural da «lusa Atenas», onde abre escola de língua hebraica e encontra a protecção duma nobre família. Para utilidade dos alunos e em homenagem ao Mecenas⁸ escreve a sua gramática.

O compêndio de F. de Távora pode equiparar-se às gramáticas elementares de nossos dias. Como opina o censor delegado do Santo Ofício⁹, é «muito útil para os que desejam aprender rapidamente a língua hebraica».

O nosso mestre julga ter ensinado o bastante para que os seus discípulos traduzam à letra perícopas selectas da Bíblia. No final do curso, elas deviam estar aptos a pegar num livro da Sagrada Escritura e traduzir inteligivelmente. Por exemplo, a Profecia de Abdias¹⁰, que a *Grammatica* traz em apêndice,

⁶ Salónica «hua cidade no reino que antiguamente foy de gregos, nestes nossos tempos verdadeira madre do judesmo... como se fosse aquella nossa antiqua e jaa piadosa madre Yerusalaim» (S. USQUE, *Consolação às Tribulações de Israel*, ed. de Mendes dos Remédios, 3.º Diálogo (Coimbra 1908), fl. 36, verso).

⁷ D. Lourenço Pires de Távora, de quem o nosso converso herdou o apelido, foi alcaide e capitão-mor da Torre da Caparica onde nascera em 1510 e onde veio a falecer em 1573, sendo sepultado no convento dos Arrábidos que fundara em 1558. Militar de rija ténpera, foi também incumbido de representar o País em várias cortes. Na qualidade de embaixador de D. Sebastião, que o mandara a Roma prestar obediência a Paulo IV, esteve na Cidade Eterna no princípio do breve pontificado daquele Papa (1555-1559). Lá encontrou o judeu de quem foi padrinho. Esta data obrigará a corrigir outras que se lêem nos vários genealogistas (Cfr. A. C. de SOUSA, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, XII, 1.ª parte, 47-48).

⁸ O mecenato teria partido de D. Rodrigo Pereira, inquisidor da Mesa Censória, filho de D. Diogo Pereira, 3.º conde da Feira. O desencontro de datas — D. Rodrigo teria falecido em 1552 — complica a identificação (Cfr. a *História Genealógica*... XI, 519-520; A. E. Martins ZUQUETE (colaboração), *Nobreza de Portugal*, II, Lisboa 1960, p. 585. Se a cronologia está certa, deveria tratar-se dum filho do 4.º conde.

⁹ Fr. Martinho de Ledesma, que recebera comissão do Cardeal D. Henrique.

¹⁰ Foi talvez a brevidade da profecia — 21 vers. ao todo — que determinou a sua escolha como paradigma ou exercício de tradução. O nosso gramático, porém, apenas traduziu os primeiros 7 versículos, que foram quantos couberam numa página.

apresentando dum lado o texto hebraico e do outro a versão portuguesa que é como segue¹¹:

- 1 Profecia de Abdias.
Assim dixi o Senhor Deos por Aedom¹²:
Ouvida¹³ ouvimos do Senhor
e embaixador a gentes foy mandado:
«alevantai-vos e alevantar-nos-emos contra ela,
a peleja.
- 2 Eis aqui pequeno te hei dado¹⁴ nas gentes;
menosprezado tu muyto¹⁵
- 3 Soberba de teu coração te enganou,
o que em minas de penedal¹⁶
— alta sua habitação —
o que diz em seu coração:
«Quem me fará decer a terra?»
- 4 Se te alevantares como aguia
e se em ceo das estrelas pugeres teu ninho
— de ahi te farei decer,
— dito de Deos.
- 5 Se ladrões vieram a ti,
se roubadores de noite,
— como te calaste' —¹⁷
certamente furtariam seu necessário¹⁸
Se vindimadores vieram para ti,
certamente ficariam rabuscos.

¹¹ Mais a numeração dos vers. que ao tempo ainda não se usava no TM (cfr. M. de TUY-J. SALGUERO, *Introducción a la Biblia*, I Madrid 1967 p. 430). E ainda uma pontuação ligeira e a distribuição métrica dos estíquios.

¹² *Aedom*, transcrevendo a consoante *mater-lectionis* א pela vogal *a*. Mas F. de Távora não é constante na transcrição do alfabeto hebraico. Veja-se, por exemplo a transcrição em sinais latinos do SIm 121(120)1: *Esa henai el hearim meain iabo hezri* (fl. 20b), onde a primeira letra de *esa* transcreve o mesmo grupo א.

¹³ *Ouvida* é tradução servil de um particípio que, na forma passiva, só apparece na Bíblia como substantivo. Aqui na acepção de *advertência*.

¹⁴ O pretérito *hei dado*, como aliás o *dixi* do primeiro vers., melhor se traduziriam pelo presente, com valor de futuro imediato (cfr. P. Jolion, *Grammaire de l'Hebreu biblique*, Roma (1947)² § 112, f).

¹⁵ Frase nominal. O texto, a manter-se, requeria um verbo: *serás*.

¹⁶ Escapou a tradução do particípio שָׁכַנְתָּ: «o que *habitas*...»

F. de Távora continua a ler o TM sem qualquer espécie de correcção e, portanto, inclui a glosa «como te calaste», embora colida com a hipótese irreal do passado (cfr. a versão dos Setenta).

¹⁸ *Seu necessário*, em vez de «quanto lhe aprouvesse». Parece que o tradutor quis significar que os «ladrões», ainda que sejam «roubadores de noite», sempre deixam ficar alguma coisa. Deste modo, se obtém um paralelismo com os «rabuscos» do estíquio seguinte. Assim entendido, o texto quer dizer que a devastação de Edom será mais grave que um assalto de bandoleiros, mais radical que uma vindima.

- 6 Como foram esquadrihados Esau¹⁹,
foram buscados seus escondidiços.
- 7 Até o termo te mandaram
todos os homens de teu firmamento²⁰.

A versão não brilha nem pela clareza nem pela elegância. Talvez se deva concluir que os rudimentos duma língua não bastam para dominá-la sobretudo para um trabalho que requer conhecimento profundo de dois idiomas. O texto, muito corrompido, não daria para muito mais. Teria sido mais bem escolhido, se se tratasse dum estudo de crítica textual²¹.

Então, porque o escolheu F. de Távora para modelo duma tradução, à letra?

Já dissemos que a sua brevidade o recomendava. Mas o autor não levou a tradução até ao fim²². Poderia pensar-se que uma segunda intenção explicava a opção: Edom, na nomenclatura rabínica, era um criptónimo da Igreja como antes o fora de Roma, às quais se aplicavam as maldições contra a Idumeia²³.

Todavia, a sinceridade do nosso convertido — sofreu perseguição! — pode, quando muito, aceitar um movimento adquirido, de todo inconsciente.

A conversão dum judeu não implica uma diminuição de apreço pelas excelências de seu povo, antes pelo contrário. Muda, isso sim, a mentalidade, enquanto aceita com generosidade que os tesouros espirituais de Israel se tornem património de todas as nações. F. de Távora pôde continuar com o seu entusiasmo pela sabedoria hebraica, ao mesmo tempo que exortava os jovens ao estudo sério e lembrava aos pais o dever de os encaminhar para a escola. Ele tem uma pedagogia, que reputa muito eficaz e consegue compendiar na *Declaratio Alphabeti*. Vem nas fls. 5b-7b, donde a traduzimos.

«O nosso alfabeto ensina com admirável erudição a sabedoria. Ele exorta os pais como devem instruir os filhos nas disciplinas liberais para que possam ocupar um lugar de relevo na sociedade e conseguir, na outra vida, perpétua glória na pátria dos santos.

בֵּית (bet), mudado o *t* em *n* dá בֶּן (ben), isto é, filho. Diz portanto: aquele a quem foi atribuído o cuidado dum filho precisa de גִּמֶל (gimel), i. é, apenas se desprenda dos seios da mãe, logo após o desmame, דָּלֶת (dalet),

¹⁹ *Esau*, o mesmo que Edom ou Idumeia, em sentido colectivo: os Idumeus. Deste modo se explica o plural.

²⁰ *Firmamento* traduz o vocábulo hebraico בְּרִית que significa *pacto, aliança*. «Homens de firmamento» são propriamente os aliados. Poderiam dizer-se «firmamento» enquanto neles se firma ou apoia o procedimento de alguém.

²¹ Os primeiros versículos de Abdias encontram-se mais ou menos dispersos no cap. 49 de Jeremias, vers. 7-22, que em geral dão uma leitura e um sentido muito mais razoáveis.

²² Se o tivesse feito, poderíamos conhecer a opinião de F. Távora sobre a identificação de Sefarad (v. 20) com a Península Ibérica (cfr A. I. LAREDO y D. MAESO, *El Nombre de Sefarad*, em «Sefarad» IV(1944) 349-363).

²³ Cfr S. ZEITLIN, *The Origin of the term Edom for Roms and the Roman Church*, em «The Jewish Quarterly Review», 60(1970) 3, 262-263.

i. é, transfira-o do ventre materno para uma boa escola, onde אֵלֶף (alef), i. é, assimile o mais preclaro saber.

Todavia isto não basta; mas הָא (he), i. é, certamente וַ (vaf), i. é, ao mesmo tempo é preciso que ele se dedique ao estudo de todo o coração; para que se afaste do comércio e familiaridade com as meretrizes זַיִן (zain), a fim de não cair em הֵט (het), i. é, em pecados com que transgrida os divinos preceitos do Sumo Bem que é Deus. E para que melhor o possa conseguir, טֵת (tet), i. é, estenda יָד (iod) i. é, as mãos sobre ele כָּף (caf), i. é discipline-o e corrija-o לָמַד (lamed) i. é, para que aprenda com diligência e, finalmente, se torne douto.

Até aqui tratamos dos cuidados que os pais devem ter com os filhos e com a sua educação. Agora voltemo-nos para os filhos. Ensinemos-lhes como devem entregar-se ao estudo das letras:

מֵם (mem) debes pôr נוֹן (nun) que mudado o *n* em *d* dá נוֹד (nud), i. é, movimento, diligência e solicitude em adquirir as virtudes סָמַךְ (samec) sustentando e fortalecendo o ânimo para que permaneça constantemente na graça. Caminhe pelas ruas e praças עֵיִן (ain) com os olhos no chão. Se acaso, por humana fragilidade, cometer alguma falta, com profunda contrição de alma פֶּה (pe) o confesse de boca. Se o fizer, צַדִּיק (sadic) é um homem justo. Receba também קוֹף (cof) רֵישׁ (res), i. é, a perfeição שִׁין (sin), i. é, תוֹ (taf), i. é, das aspirações dos homens. O que só se dá com os varões ilustres.»

Ninguém dirá que falte habilidade a esta exposição do alfabeto. A quem quiser discordar do significado que Fr. de Távora atribui a estas vinte e duas letras, ao menos a algumas, lembramos a formação talmúdica do autor.²⁴ Ele crê aliás poder justificar a sua interpretação com passagens da Sagrada Escritura. Não vamos segui-lo nessa digressão que lhe leva mais umas folhas que talvez devesse consagrar à exposição da matéria gramatical. De qualquer forma, os reparos que se lhe fizerem não atingem nem a oportunidade nem a sensatez dos conselhos à mocidade das Escolas. Deles se poderá concluir que os perigos a que está exposta a juventude de nossos dias são os mesmos que podiam comprometer o êxito do estudo nos Estudos Gerais daquele tempo²⁵. O que nem todos pensarão é como pensava o velho professor de hebreu: que não se pode ensinar gramática sem primeiro ensinar moral.

J. MENDES DE CASTRO

²⁴ É conhecida a liberdade com que o Talmud alterava as consoantes, que não só as vogais, embora haja exagero na insinuação contida nesta pergunta: «Où le Talmud cite-t-il un mot sans le corrompre?» (*Sepher Ha-Zohar*, reimpr. da trad. francesa, Paris 1970, VI, 58; nota 1614). Observe-se no entanto o cuidado que os «doutores» mandam pôr na recitação exacta da *Shemá* (Berakot, II, 4).

²⁵ Como eram no tempo do coleccionador do livro dos *Provérbios*, que F. de Távora cita segundo a Vulgata.